

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

Luiz Carlos Pereira de Lima

**A DESTERRITORIALIZAÇÃO CADA VEZ MAIS PRESENTE COM OS
DESLOCAMENTOS DA VIDA NA CONTEMPORANEIDADE**

Juiz de Fora

2018

Luiz Carlos Pereira de Lima

**A DESTERRITORIALIZAÇÃO CADA VEZ MAIS PRESENTE COM OS
DESLOCAMENTOS DA VIDA NA CONTEMPORANEIDADE**

Memorial descritivo sobre o documentário „El cámbio nos hace seres humanos“ apresentado ao curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel.

Orientador(a): Prof. Dr. Cristiano José Rodrigues

DOCUMENTÁRIO DISPONÍVEL EM
<https://www.youtube.com/watch?v=cP4-8oUXH2E&feature=youtu.be>

Luiz Carlos Pereira de Lima

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Pereira de Lima, Luiz Carlos.

A desterritorialização cada vez mais presente com os deslocamentos da vida na contemporaneidade / Luiz Carlos Pereira de Lima. -- 2018.

63 f. : il.

Orientador: Cristiano José Rodrigues

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2018.

1. jornalismo. 2. desterritorialização. 3. Documentário. 4. migração. 5. venezuela. I. Rodrigues, Cristiano José, orient. II. Título.

Luiz Carlos Pereira de Lima

**A DESTERRITORIALIZAÇÃO CADA VEZ MAIS PRESENTE COM OS
DESLOCAMENTOS DA VIDA NA CONTEMPORANEIDADE**

Memorial descritivo sobre o documentário El cambio nos hace seres humanos apresentado ao curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cristiano José Rodrigues – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Nilson Assunção Alvarenga
Universidade Federal de Juiz de Fora

Luiz Carlos Pereira de Lima

**ATA DE DEFESA DE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)**

Ata de defesa, perante Banca Avaliadora, do Trabalho de Conclusão de Curso do (a) aluno(a) LUIZ CARLOS PEREIRA DE LIMA para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Integraram a Banca Avaliadora o (a) professor(a) orientador(a), CRISTIANO JOSÉ RODRIGUES, o (a) professor(a) co-orientador(a),

e os(as) professores(as) convidados(as): MARCIO DE OLIVEIRA GUORRA e NILSON ASSUNÇÃO ALVAROUSA. Os 07 dias do mês de dez de 2018, às: 10 horas, na sala 214

da FACOM/UFJF, realizou-se a apresentação pública do Trabalho de Conclusão de Curso pelo(a) discente. O (A) orientador (a) abriu a sessão agradecendo a participação dos membros da Comissão Examinadora. Em seguida convidou o (a) aluno (a) para que fizesse a exposição do trabalho intitulado: A DISTERRITORIALIZAÇÃO CADA VEZ MAIS PRESENTE COM OS DESLOCAMENTOS DA VIDA NA CONTEMPORANEIDADE

Finalizada a apresentação, os(as) avaliadores(as) procederam a arguição do (a) estudante. Dando continuidade aos trabalhos, o(a) orientador(a) solicitou a todos que se retirassem da sala para que a Banca Avaliadora pudesse deliberar sobre o trabalho apresentado. Terminada a deliberação, o (a) orientador (a) solicitou a presença de todos e leu a ata dos trabalhos declarando APROVADO (aprovado/ aprovado com ressalvas/ reprovado) o Trabalho de Conclusão de Curso do(a) discente. Em seguida, deu por encerrada a solenidade, da qual se lavrou a presente ATA que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Juiz de Fora (MG) 07 de DEZEMBRO de 2018.

CRISTIANO JOSÉ RODRIGUES
Nome do (a) orientador (a)

CRISTIANO JOSÉ RODRIGUES
Assinatura

Nome do (a) co-orientador (a)

MARCIO DE OLIVEIRA GUORRA
Professor (a) convidado (a)

MARCIO DE OLIVEIRA GUORRA
Assinatura

NILSON ASSUNÇÃO ALVAROUSA
Professor (a) convidado (a)

NILSON ASSUNÇÃO ALVAROUSA
Assinatura

Ao meu pai, meu irmão e a
minha mãe, por todos os
esforços realizados para que
esse dia pudesse chegar.

“Yo soy muy abierta al cambio. El cambio nos hace seres humanos. (...) Yo día a día cambio, yo apoyo mucho el cambio.”
(Rosa Guerrero)

RESUMO

De forma subjetiva, o presente trabalho trata das mudanças e dos deslocamentos cada vez mais realizados na vida contemporânea e os impactos desta desterritorialização. Seja uma mudança de cidade, de estado ou de país, essas mudanças vão determinar a vida de cada indivíduo e procuro no meu documentário mostrar através dos relatos das personagens, a hipótese de que o deslocamento e as mudanças que ele provoca interferem definitivamente nas experiências das pessoas. Se toda vivência adquirida através da desterritorialização e de frequentes mudanças ao longo do tempo fazem com que a visão de mundo e a bagagem cultural e social sejam afetadas, o modo de falar, pensar, agir e se alimentar vão ganhando novos contornos. Assim, no final das contas o meio físico onde a pessoa se insere pode modificá-la em diversos planos de sua existência.

Palavras-chave: Desterritorialização, Jornalismo, Migração, Venezuela, Documentário.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Captura de tela durante a entrevista com Manuel Artigas para o documentário	28
Figura 2 – Captura de tela durante a entrevista com Rosa Guerrero para o documentário	30
Figura 3 – Captura de tela durante a entrevista com Neirik Muñoz para o documentário.	31
Figura 4 – Captura de tela durante a entrevista com Wendy Orellana para o documentário.	33
Figura 5 – Capturas de tela durante a entrevista com Angela e Yoca para o documentário	34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. TERRITÓRIO, MOVIMENTOS E POSSIBILIDADES	09
2.1 Migração no mundo.....	10
2.2 Tecnologia como fator de desterritorialização	11
2.3 Migração Forçada.....	14
2.4 O trabalho	15
3. DOCUMENTÁRIO: O QUE É O GÊNERO E SUA IMPORTÂNCIA	
HOJE	16
4. VENEZUELA E DESTERRITORIALIZAÇÃO	20
5. MINHA IDENTIFICAÇÃO COM O TEMA	22
6. O MEU DOCUMENTÁRIO	26
6.1 Projeto inicial e pesquisa de personagem	26
6.2 Entrevistas	27
6.2.1 Manuel.....	28
6.2.2 Rosa	30
6.2.3 Neirik.....	31
6.2.4 Wendy.....	33
6.2.5 Yoca e Angela	34
6.3 Equipamentos e técnicas.....	35
6.4 Produção, gravação e o entrevistar	36
6.5 Edição e finalização.....	36
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41
ANEXOS	43

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar nestas páginas e também com o documentário realizado a partir deste projeto, como mudanças de território podem influenciar diretamente a vida de indivíduos.

Em um mundo globalizado e com meios de transporte cada vez mais rápidos e acessíveis para grande parte da população, vivemos um período de efervescência no que diz respeito ao intercâmbio cultural entre pessoas nas mais diversas partes de todo o mundo.

A busca de uma resposta sobre como isso têm transformado hábitos, rotinas, filosofias e o comportamento de seres humanos por toda parte é um dos propulsores para que esta pesquisa tenha sido realizada.

Uma dessas mudanças geográficas que virou tema de debates e polêmicas são as migrações em massa que têm acontecido por diferentes motivações e em vários lugares, que ganharam a atenção de países e também de parte da sociedade civil. Como lidar com uma migração forçada para outro lugar? Quais são os desafios para as populações e governos que recebem estas pessoas em busca de condições básicas de vida e de um futuro mais promissor?

São perguntas difíceis de serem respondidas e com soluções muito diferentes para quem está em espectros políticos opostos. De qualquer forma, as maneiras como isto é relatado pelos indivíduos que tem feito parte deste processo cada vez mais frequente nos dias atuais é interessante e o resultado de suas experiências é, de certo, enriquecedor.

Um conceito abordado neste trabalho é o da desterritorialização, que tenta explicar, de uma forma abrangente, todas essas mudanças devido a migrações, transportes, tecnologia, troca de conhecimentos e intercâmbio profissional e estudantil.

No entanto, nem sempre este processo é fácil ou naturalmente bem recebido pelas próprias pessoas. O fato de se distanciar de suas origens, familiares, lugares e identificação com instituições religiosas ou de aprendizado tende a causar profundas mudanças em muitos aspectos de sua personalidade.

Escutar as histórias de pessoas que vivenciaram estes processos e entender as dificuldades inerentes às suas experiências são os principais propósitos deste trabalho.

2. TERRITÓRIO, MOVIMENTO E POSSIBILIDADES

O conceito de desterritorialização entende-se por: perder, mudar, renegar ou adquirir - independentemente da vontade do indivíduo - características culturais, alimentares, tecnológicas, religiosas, filosóficas ou políticas diferentes de seu território originário ao deslocar-se geograficamente para um novo território. O que significa que isto pode ser verificado em diversos graus, mesmo em desterritorializações que aconteçam em mudanças de cidade, estado, país ou continente ao redor do globo.

A migração é influenciada por uma conjugação de fatores econômicos, ambientais, políticos e sociais. Estes fatores estão presentes no local de origem do migrante (fatores de repulsão) ou no local de destino (fatores de atração). Normalmente, o principal motivo para os fluxos migratórios internacionais é o econômico, onde as pessoas deixam seu país de origem visando à obtenção de emprego e melhores perspectivas de vida em outras cidades, estados ou nações.¹

Porém, outros motivos podem influenciar o deslocamento das pessoas geograficamente como, por exemplo, relacionamentos entre pessoas, independentemente do tipo. Imaginemos, para tanto, que duas pessoas se conheçam através da internet em um grupo ou em uma rede social de um assunto em comum. Se os dois moram em cidades distantes, dependendo do fluxo de conversas e condições socioeconômicas que disponham, é provável que se encontrem em algum momento. Com um possível surgimento de um relacionamento entre as duas pessoas, é plausível que, em algum momento, os dois passem a viver juntos, o que fará com que pelo menos um destes sujeitos sofra um deslocamento geográfico.

Uma das características mais visíveis a respeito de um deslocamento humano está no aspecto cultural, dadas as incontáveis diferenças entre culturas. Mesmo em nosso próprio país não é difícil identificar como elas são diferentemente expressas.

“As tradições culturais se acumulam sem quebras de continuidade. Elementos culturais, uma vez inventados, passam de um indivíduo para o outro através do aprendizado. Eles são compartilhados de uma geração a outra. Qualquer ruptura na corrente do aprendizado levaria ao seu desaparecimento. O *continuum* cultural se estende do começo da existência humana até o presente. As culturas se cruzam e recruzam, fundem-se e dividem-se; elementos são adicionados aqui ou perdidos ali. Uma cultura vista como um *continuum* é o resultado de todas as mudanças e vicissitudes do passado, tendo dentro de si o potencial para a mudança contínua.” (Kessing 1964: 25-29) (pp. 46)

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura, São Paulo: Paulus, 2003.

Ainda sobre este tema, a escritora fala sobre a origem da cultura:

“A cultura pode ser estudada sob o ponto de vista histórico. Mais do que isso, é apenas na dimensão histórica que as questões da cultura podem ser estudadas, pois seus elementos se originam através de inovações e se alastram através da difusão. Costumes, crenças, ferramentas, técnicas difundem-se de uma região para outra, de um povo para outro. Os elementos culturais têm assim uma história cronológica. Isso envolve questões tais como origem, crescimento e diferenciação culturais através da história.” (pp. 43)

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura, São Paulo: Paulus, 2003.

Portanto, a cultura se refere aos aspectos aprendidos pelo ser humano quando em contato social, aprendizado esse que é adquirido ao longo da vida. Sim, um grupo específico, quando em convívio acaba por desenvolver determinadas características, como por exemplo a linguagem e vestuário.

Os aspectos culturais são tanto tangíveis quanto intangíveis, ou seja, símbolos fazem parte do contexto tanto quanto ideias, normas ou religiões. São estes aspectos que constroem a realidade social de determinado grupo, fazendo com que valores e normas sejam estabelecidos.

Um ótimo exemplo é o Japão, onde o valor da educação é extremamente forte, tanto que, quando um membro da família falha em algum exame escolar a vergonha cai sobre toda a família do estudante. Sendo assim, não é difícil entender porque para os japoneses é tão importante estudar e manter-se sempre com altos níveis de desempenho acadêmico. A pressão social exercida por esse valor é tão grande que o número de suicídios envolvendo falhas escolares cresce a cada ano. ²

2.1 Migração no mundo

Em um contexto global de migração, segundo dados do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU (DESA), o número de migrantes internacionais alcançou a marca de 244 milhões em 2015 – um aumento de 41% em relação ao ano 2000. Dentro desta cifra, 20 milhões são considerados refugiados.³

Por continente, a Europa é o maior receptor de migrantes, com 76 milhões, seguida muito de perto pela Ásia, 75 milhões, que é a região onde mais aumentou a chegada nos últimos 15

anos. A América do Norte conta com 54 milhões, a África, com 21 milhões, a América Latina e o Caribe, com 9 milhões e a Oceania, com 8 milhões.

Em 2016, o então subsecretário-geral de Assuntos Sociais e Econômicos da ONU, Wu Hongbo, disse que o aumento do número de migrantes internacionais reflete a crescente importância da migração internacional, que se transformou em uma parte integral de nossas economias e sociedade.⁴

No entanto, a migração internacional promove também uma série de problemas socioeconômicos, se não bem tratada. Em face das medidas tomadas pela maioria dos países desenvolvidos no intento de restringir a entrada de imigrantes, o tráfico destes tem se intensificado bastante. Por outro lado, estes mesmos países adotam ações seletivas, permitindo a entrada de profissionais qualificados de países em desenvolvimento, ou seja, pessoas com aptidões técnicas e dotadas de conhecimentos são bem-vindas.⁵

No Brasil, o número de imigrantes registrados pela Polícia Federal aumentou 160% em dez anos. Segundo dados da Polícia Federal, 117.745 estrangeiros deram entrada no país em 2015, o que representa um aumento de 2,6 vezes em relação a 2006, quando 45.124 obtiveram o registro. Com a crise política e econômica da Venezuela, somente entre 2017 e julho de 2018, 127.778 venezuelanos cruzaram a fronteira por Pacaraima, que fica a 215 km da capital Boa Vista, em Roraima.⁷

2.2 Tecnologia como fator de desterritorialização

Com números tão expressivos em relação à migração no mundo, principalmente em países desenvolvidos, pressupõe-se que atualmente há uma infraestrutura criada pela humanidade com uma gama muito mais variada e eficiente de mecanismos de transporte, de que nos tempos atuais os deslocamentos sejam muitos mais frequentes do que em períodos ancestrais, em que praticamente não existiam meios de transporte que pudessem levar tantas pessoas a tantos lugares e em tão pouco tempo como ocorre atualmente.

“Quando a distância percorrida numa unidade de tempo passou a depender da tecnologia, de meios artificiais de transporte, todos os limites à velocidade do movimento, existentes ou herdados, poderiam, em princípio, ser transgredidos. Apenas o céu (ou como acabou sendo depois, a velocidade da luz) era agora o limite, e a modernidade era um esforço contínuo, rápido e irrefreável para alcançá-lo.” (pp. 17)

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

E isto pode ser evidenciado através da realidade de como era fazer uma viagem em séculos passados. As grandes navegações, que se iniciaram no século XIII foram um avanço

para a humanidade, mas mesmo três séculos depois as condições de navegação ainda eram muito precárias. Uma viagem naquela época era “extremamente desconfortável, insalubre e perigosa. Em média, a cada três navios que partiam de Portugal nos séculos 16 e 17, um afundava. Cerca de 40% da tripulação morria nas viagens, vítimas não só de naufrágios, mas também de ataques piratas, doenças e choques com nativos dos locais visitados. Quem sobrevivia ainda tinha que aguentar o insuportável mau cheiro a bordo e as acomodações precárias”.⁸

“Os reis talvez pudessem viajar mais confortavelmente que seus prepostos, e os barões mais convenientemente que seus servos; mas, em princípio, nenhum deles poderia viajar muito mais depressa que qualquer dos outros. O *wetmare* tornava os humanos semelhantes; o *hardware* os tornava diferentes. Essas diferenças (ao contrário das que derivavam da dissimilitude dos músculos humanos) eram *resultados* de ações humanas antes de se transformarem em condições de sua eficácia, e antes que pudessem ser utilizadas para criar ainda mais diferenças, e diferenças mais profundas e menos contestáveis do que antes. Com o advento do vapor e do motor de explosão, a igualdade fundada no *wetmare* chegou ao fim. Algumas pessoas podiam agora chegar onde queriam muito antes que as outras; podiam também fugir e evitar serem alcançadas ou detidas. Quem viajasse mais depressa podia reivindicar mais território - e controlá-lo, mapeá-lo e supervisioná-lo - mantendo distância em relação aos competidores e deixando os intrusos de fora.” (pp. 142-143)

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

E ainda sobre isto o autor diz:

“Graças a sua flexibilidade e expansividade recentemente adquiridas, o tempo moderno se tornou, antes e acima de tudo, a arma da conquista do espaço. Na moderna luta entre tempo e espaço, o espaço era o lado sólido e impassível, pesado e inerte, capaz apenas de uma guerra defensiva, de trincheiras um obstáculo aos avanços do tempo. O tempo era o lado dinâmico e ativo na batalha, o lado sempre na ofensiva: a força invasora, conquistadora e colonizadora. A velocidade do movimento e o acesso a meios mais rápidos de mobilidade chegaram nos tempos modernos à posição de principal ferramenta do poder e da dominação.” (pp 17)

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Este tipo de avanço foi estratégico em diversos períodos da humanidade e se acentuou com a revolução industrial e seus produtos, que intensificaram as desigualdades entre os homens.

Paul Virilio em *Os Motores da História* afirma que as inovações tecnológicas transformam, modificam, alteram o espaço geográfico em todas as escalas. Ao escrever sobre os motores da história, mostra que as inovações técnicas transformam as relações entre os indivíduos com a natureza em todas as escalas. Os motores a vapor, a explosão, o elétrico, o foguete e o da informática, contribuíram para uma “tecnicização do território”, tornando assim o espaço geográfico cada vez mais mecanizado com profundas alterações no modo de produzir, nas formas de circulação e de consumo do espaço. Podemos frisar que Paul Virilio diz que “o Homem sempre seguiu a lei do menor esforço”, sendo nítida esta tese de acordo com a evolução dos tempos, tal como facilitação da vida humana através da adaptação dos meios comunicativos.

“O estreitamento das distâncias transformou-se numa realidade estratégica com consequências econômicas e políticas incalculáveis pois equivale à negação do espaço.”

VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política*, São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2ª edição, 1997. (pp 123)

Ao negar-se o espaço, o Homem nos dias atuais vislumbra e enxerga o mundo de forma a fazer com que fronteiras inteiras fossem destruídas pelo poder dos deslocamentos físicos e também pelo poder das comunicações.

Aliado aos deslocamentos físicos, algo que podemos verificar com a criação e o desenvolvimento da internet, é a desterritorialização mesmo sem necessariamente deslocar-se de seu local de origem. Ao consumir produtos, cultura e reproduzir comportamentos típicos de outros lugares, o indivíduo está desterritorializando-se, isto é, adquirindo características estranhas ao seu local de origem e cultura. Algo fortemente vinculado na contemporaneidade pela globalização.

Um exemplo disto é o uso cada vez mais frequente das redes sociais pelas pessoas, tanto em números absolutos, quanto por tempo médio por usuário, o que facilita a assimilação de culturas diferentes e o contato virtual com outros indivíduos. O autor polonês Zygmunt Bauman declarou certa vez em entrevista um exemplo de como os indivíduos modernos têm cada vez mais modificado suas relações e ressignificando isso: “Um viciado em Facebook se gabou para mim de que havia feito 500 amigos em um dia. Minha resposta foi de que eu vivi 86 anos e não tenho 500 amigos. Então, provavelmente, quando ele diz amigo e eu digo amigo nós não queremos dizer a mesma coisa. É um tipo diferente de amigo (...) Qual é a diferença entre rede e comunidade? A comunidade te precede. Você nasce em uma

comunidade. Ao contrário da comunidade, a rede é mantida por duas atividades principais: uma é se conectar e a outra é se desconectar. E acho que a atratividade da amizade “tipo Facebook” é de que é tão fácil se desconectar dos amigos”.

“De fato, a cultura midiática propicia a circulação mais fluida e as articulações mais complexas dos níveis, gêneros e formas de cultura, produzindo o cruzamento de suas identidades. Inseparável do crescimento acelerado das tecnologias comunicacionais, a cultura midiática é responsável pela ampliação dos mercados culturais e pela expansão e criação de novos hábitos no consumo de cultura. Inseparável também da transnacionalização da cultura e aliada à nova ordem econômica e social das sociedades pós-industriais globalizadas, a dinâmica cultural midiática é peça chave para se compreender os deslocamentos e contradições, os desenhos móveis da heterogeneidade pluritemporal e espacial que caracteriza as culturas pós-modernas.” (pp. 59)

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura, São Paulo: Paulus, 2003.

Um exemplo disto é a indústria cultural que ainda hoje produz arte com a finalidade do lucro e para angariar o maior número de clientes possíveis. Mais recentemente, com o uso de aplicativos de redes sociais, que estão ramificados por todo o globo. Hoje a rede social tem 2,13 bilhões de usuários. Ou seja, um a cada três pessoas estão conectadas nesta plataforma.¹⁰

2.3 Migração forçada

Nem sempre a desterritorialização física acontece por vontade do indivíduo, mas por necessidade. Fluxos migratórios têm acontecido com grande frequência na história recente da humanidade.

O número de pessoas forçadas a se deslocar no mundo foi o maior da história, tendo aumentado 2,9 milhões em 2017 em relação ao ano anterior. De acordo com a Agência da ONU para Refugiados, foram quase 69 milhões de deslocados, sendo que mais da metade deles, 52%, são menores de idade. A média de pessoas forçadas a abandonar suas casas foi de mais de 44 mil por dia em 2017.

Ainda segundo a ONU, do total de deslocados, 25,4 milhões eram refugiados, 40 milhões, deslocados internamente e 3,1 milhões, requerentes de asilo. Mais de 16 milhões de pessoas foram deslocados pela primeira vez em 2017, incluindo 4,4 milhões que procuraram proteção no estrangeiro e 11,8 milhões que foram forçados a fugir, mas permaneceram em seus próprios países.

A Síria, assim como nos anos anteriores, continuou a ser o país com maior população deslocada globalmente. No fim de 2017, havia 12,6 milhões de sírios desalojados à força,

sendo cerca de 6,3 milhões de refugiados, 146.700 requerentes de asilo e 6,2 milhões de deslocados internos. A Colômbia teve o segundo maior deslocamento populacional, com 7,9 milhões de vítimas de conflitos, a maioria deslocada internamente (7,7 milhões).

Nos últimos anos, a situação política e econômica na Venezuela levou mais de 1,5 milhão de venezuelanos a se deslocarem para os países vizinhos. Entre os principais destinos estavam o Brasil, a Colômbia, Costa Rica, o México, Peru, a Espanha e os Estados Unidos. De acordo com os números fornecidos pelos governos desses países, mais de 111 mil venezuelanos apresentaram novos pedidos de asilo em 2017. O Peru registrou mais pedidos (33.100), seguido pelos Estados Unidos (30.000), o Brasil (17.900), a Espanha (10.600), o Panamá (4.400), México (4.000) e a Costa Rica (3.200).¹¹

2.4 O trabalho

Dessas múltiplas implicações resulta o processo de desterritorialização, acentuando e generalizando outras e novas oportunidades de ser, agir, sentir, pensar, sonhar e imaginar. Revelam-se condições desconhecidas no âmbito da sociedade global; ampliam-se e generalizam-se outras e novas condições de realização das diversidades, singularidades, universalidades; indivíduos, grupos, classes sociais e todos os outros setores da sociedade adquirem distintas possibilidades de se desenvolverem e se expressarem em múltiplas perspectivas.

E para entender melhor de que forma todas essas mudanças se apresentam e se encaixam no funcionamento de uma sociedade plural, globalizada e que está, como nunca antes esteve, em constante deslocamento, recorre-se à técnica do documentário, que tentará extrair em entrevistas como pessoas que passaram por estas experiências enxergam sobre si e o mundo a sua volta.

3.DOCUMENTÁRIO: O QUE É O GÊNERO E SUA IMPORTÂNCIA HOJE

Definir o que é documentário não é uma das tarefas mais fáceis. Desde a época que remonta às décadas de 30 e 40, onde predominava a voz over, ou a voz de Deus, o documentário é um gênero de muitas facetas, até os estilos mais personalistas e alternativos que são produzidos nos dias atuais. Seja uma produção de um grande canal a cabo ou um projeto de estudantes de comunicação com poucos recursos, o fazer documentário tem o objetivo de propor afirmações sobre variados temas do mundo.

Através de uma narrativa contínua em torno de um uma obra única, em formato de filme, captando através de seus realizadores imagens do mundo real, propõe retratar fatos históricos, movimentos, transformações e compreender com a maior fidelidade possível a realidade.

O documentário surgiu juntamente com o início do cinema, e desde os primórdios até hoje as fronteiras entre documentário e ficção são tênues.

“Ao contrário da ficção, o documentário estabelece as asserções ou proposições sobre o mundo histórico. São duas tradições narrativas distintas, embora muitas vezes se misturem. O fato de autores singulares explicitamente romperem os limites da ficção e do documentário não significa que não possamos distingui-los. Em nossa abordagem, o trabalho de definição do documentário é conceitual. Estamos trabalhando com ferramentas analíticas que têm por trás de si uma realidade histórica.”

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal... o que é mesmo documentário? São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

Mais do que um gênero do cinema ou uma modalidade do jornalismo, o documentário por si só é uma forma de resistência e oposição às grandes mídias e ao „establishment“ compostos pelas grandes corporações do setor de comunicação e entretenimento. O documentário não tem como objetivo entreter como um blockbuster, mas é possível impactar o espectador de uma forma profunda, que o faça refletir e pensar sobre o tema a ser exibido.

“O documentário não opera interrompendo o fluxo, sua velocidade é infinita e anacrônica (...) Mas se o documentário insiste, urgentemente, é porque o real está sendo inventado, com imaginação e ficção, porque podemos muito mais do que existe, porque certas palavras ainda circulam sem fazer diferença no mundo, porque os recortes do que é visível e o que é dizível dependem da nossa força de imaginação e de invenção do real. Porque diante da dor do outro não há retake.”

MIGLIORINI, Cezar. (org) Ensaios no real / o documentário brasileiro hoje. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2010.

Com esta relação tão próxima do real, sob perspectiva de seus criadores, há quem concorde com uma produção, há quem discorde, e, ainda, há aqueles que a odiarão ou amarão, mas, todos, são documentários. Na medida em que se propõe a criar uma narrativa sobre um fato, um acontecimento, uma reconstituição, o documentarista está tratando de uma possível interpretação da realidade, o que pode resultar em imprecisões. Porém, o mais importante é ter a consciência se isso afeta o trabalho como um todo e se isto é uma demonstração de que o mesmo foi ou não ético.

“Em geral, a narrativa documentária chega já classificada ao espectador, seguindo a intenção do autor. (...) Ao entrarmos no cinema, na locadora ou quando sintonizamos o canal a cabo, sabemos de antemão se o que vemos é uma ficção ou documentário. A intenção documentária do autor/cineasta, ou da produção do filme, é indexada através de mecanismos sociais diversos, direcionando a recepção. Em termos tautológicos, poderíamos dizer que o documentário pode ser definido pela intenção de seu autor em fazer um documentário (...) Ao recebermos a narrativa como documentária, estamos supondo que assistimos a uma narrativa que estabelece asserções, postulados, sobre o mundo, dentro de um contexto completamente distinto daquele no qual interpretamos os enunciados de uma narrativa ficcional.”

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal... o que é mesmo documentário? São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

Como um recorte da realidade em sua própria narrativa, tendo inúmeras formas de fazê-lo, o documentário contemporâneo tem cada vez mais espaço na tentativa de retratar o real, de buscar novas formas e ideias em uma sociedade homogeneizada pelo capitalismo e pelo consumo de massa. O documentário como contraponto e em consonância com as novas e antigas demandas por parte da população tem o poder de conscientizar e alertar a uma grande parte da população, com emoção e profundidade, histórias até ali desconhecidas ou pouco valorizadas.

“O documentário contemporâneo é o nome de uma multiplicidade, de algo indefinível, de uma imagem que é arte e que não é, que é afetada e transforma o real, que é fundamentalmente aquela imagem que nos cinema se liberou de uma identidade. Se digo documentário não sei do que falo, pelo menos não exatamente, mas ao mesmo tempo ele existe e insiste, se transformando a cada filme. O que a princípio pode ser um problema é, na verdade, o grande trunfo do documentário (...) o lugar do documentário é esse lugar de indefinição, inapreensível. Dito de outra maneira: todo poder sabe lidar com o que ele sabe nomear. Todo poder sabe administrar as reivindicações daquele que ele pode reconhecer como sujeitos de

direito, mesmo que seja para dizer que eles não têm direito - ainda, agora, aqui. O documentário hoje é um nome de uma liberdade no cinema.”

MIGLIORINI, Cezar. (org) Ensaaios no real / o documentário brasileiro hoje. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2010.

E é neste jogo de poderes e política que o estilo documentário, ao abordar a realidade pelos olhos de seus diversos documentaristas, tem possibilitando que pessoas e grupos que outrora não teriam voz para se expressar, possam reivindicar um espaço de fala. Assim, o gênero tem se tornado cada vez mais importante e de caráter essencial para uma sociedade mais igual e democrática.

Este movimento, inclusive, tem se intensificado atualmente graças ao avanço tecnológico que o mundo presencia. Com o acesso facilitado de equipamentos cinematográficos como câmeras e até mesmo celulares a preços menores, mais indivíduos têm a possibilidade de construir narrativas e contar histórias que possam ser importantes para a sua comunidade, cidade, estado ou país.

Outro aspecto de igual importância e que vai ao encontro desta democratização que a tecnologia proporcionou para o acesso de equipamentos de gravação, é a possibilidade e a facilidade de filmes, curtas e documentários serem difundidos pelas pessoas através da internet. Fundamental nos dias de hoje, a internet possibilita que um conteúdo possa ser assistido e compartilhado milhões de vezes em pouquíssimo tempo ao redor de todo o mundo, podendo, assim, ter a mensagem de seu criador atingido diferentes pessoas, de diferentes classes sociais e regiões. Algo impensável há 20 ou 30 anos.

No entanto, realizar um documentário não é uma tarefa das mais simples. Apesar da maior facilidade atualmente, contar uma história que valha a pena ser assistida, conhecida ou debatida requer muita sensibilidade e esforço por parte do documentarista. Também exige um conhecimento amplo a respeito da realidade de sua sociedade e seu país, para identificar com maior precisão o quão valioso - ou não - aquele personagem, aquela história ou aquele fato pode ser para a sociedade.

Ser documentarista é isto, encadear diversas histórias, relatos, imagens, sons, em lugares muitas vezes desconhecidos ou inóspitos, fazendo com que tudo dialogue com suas ideias e visão a respeito do tema, e possa transmitir com clareza ou subjetividade para o espectador.

Em um mundo com a forte ascensão da pós-verdade, em que na hora de criar e modelar a opinião pública os fatos objetivos têm menos influência que os apelos às emoções e

às crenças pessoais, é imprescindível que a busca pela controversa verdade, que também não é simples de classificar, continue acontecendo com bases concretas e vívidas. E o documentário é uma das mais criativas e interessantes formas de se conectar com a realidade apresentada através de suas imagens e relatos, sendo essencial, a princípio, a profundidade e a entrega por parte do realizador.

Por fim, pode-se afirmar que o mundo mudou drasticamente desde o início do fazer documentário até os dias atuais, assim como as formas de contar histórias a partir do documentário também. Não é fácil defini-lo ou colocá-lo em uma caixa de significação. É uma arte com infinitas possibilidades, com diversos horizontes, passível de erros e acertos. Bons ou maus filmes. De se emocionar, se apaixonar ou se odiar. Mas segue sendo documentário, trazendo a visão de alguém sobre algo, sobre um acontecimento, sobre um fato ou sobre um povo. Mas, sempre, um documentário.

4. VENEZUELA E A DESTERRITORIALIZAÇÃO

A Venezuela vive hoje um processo de emigração de seus cidadãos. E para entender este processo, uma das causas mais colocadas é a questão do petróleo. De acordo com cifras de 2015 da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), a Venezuela tem as maiores reservas de petróleo bruto do mundo, com mais de 300 milhões de barris. No entanto, com a rápida desvalorização dos barris de petróleo entre 2013 e 2014, com uma queda de até 50% no valor, a Venezuela, que tem sua economia marcada por uma fraca diversificação de produtos e dependência da exportação de petróleo para o exterior, sofreu um encolhimento no Produto Interno Bruto (PIB) e no percentual de participação da arrecadação do governo.

Escolhido para ser sucessor de Hugo Chávez após a sua morte, Nicolás Maduro manteve e agravou os problemas da política venezuelana que estão na raiz da atual crise econômica: a expropriação da indústria do petróleo em nome da nacionalização e a expansão dos produtos importados.

Com diversos protestos, denúncias de irregularidades contra o governo, hiperinflação, falta de alimentos e fome, Maduro reprimiu os contrários à sua gestão com prisões e repressão. Em 2017, antes de ser reeleito em um processo criticado por diversos países e não reconhecido por outros muitos, Maduro propôs reescrever nesse período a Constituinte, que anulou a Assembleia Nacional – que tem maioria opositora- instalou uma comissão que levou ao indiciamento de seus principais rivais e cassou as duas maiores siglas adversárias.

Em 5 de agosto de 2017, o jornal Folha de S. Paulo passou a designar o regime de Maduro como ditadura. De acordo com o periódico “a rápida deterioração da democracia na Venezuela, com a supressão dos poderes do Legislativo, o aparelhamento do Judiciário, a prisão de opositores, o cerceamento à imprensa e repressão a protestos que já contabiliza mais de cem mortos se consolida agora com uma Assembleia Constituinte cuja eleição teve as regras subvertidas para favorecer o chavismo”, afirma.

Desde então o fluxo de pessoas que deixaram a Venezuela em busca de condições básicas de vida se intensificou. Segundo a Organização Internacional para Migrações (OIM) - Agência das Nações Unidas para Migrações -, o Brasil recebeu apenas 2% dos 2,3 milhões de venezuelanos que deixaram o país fugindo da crise, que piorou significativamente a partir de 2015.

Relatório de julho de 2018 da OIM aponta que pelo menos 50 mil pessoas se fixaram no Brasil vindas da Venezuela até abril de 2018, um aumento de mais de 1.000% em relação a 2015. O número leva em conta pedidos de asilo e residência.

Diferente do que acontecia historicamente, as imigrações que partem da Venezuela se diversificaram para países não comumente experimentado pelos mesmos, como tradicionalmente ocorre para a Espanha e Estados Unidos, por exemplo. Mesmo estando a cerca de 5 mil quilômetros da fronteira entre Brasil e Venezuela, Juiz de Fora tem recebido um número relativamente grande de imigrantes que vêm em busca de uma vida melhor e juntar dinheiro para enviar a familiares e amigos que permanecem no país.

5. MINHA IDENTIFICAÇÃO COM O TEMA

A motivação para pesquisar sobre tal fenômeno parte de que para o autor do projeto, mesmo em sua breve experiência de vida, o deslocamento de seu local de origem mudou em grande medida pilares fundamentais de sua visão de mundo, adquirindo com o passar do tempo, ao experimentar uma nova vivência e hábitos mais comumente realizados em sua nova realidade, traços e culturas diferentes de seu crescimento.

Muito particularmente estará associado a cada indivíduo os núcleos sociais em que serão inseridos em sua migração geográfica, bem como suas características moldadas em seu local de origem. Como, por exemplo: seu trabalho, seu grupo de amigos, as instituições educacionais, igrejas e a comunidade em seu entorno.

Por mais que à primeira vista os indivíduos que vivenciem esta experiência possam não demonstrar claramente as mudanças em suas respectivas vidas, é muito provável, em uma conversa mais profunda e uma observação atenciosa, que as mudanças e aquisições de hábitos em sua cultura fiquem evidentes.

Gírias, roupas, comidas, músicas, festas, linguagem corporal, filosofias, crenças, hábitos, trabalhos, dentre outros enormes emaranhados de comportamentos, são alguns dos exemplos de características que podem ser alteradas com o passar do tempo quando se ocorre a desterritorialização e que serão evidenciadas nas entrevistas realizadas em formato de documentário com pessoas que se encaixam neste tema.

E por isso é relevante salientar que cada pessoa pode reagir de uma forma a uma mudança de local. Em minha experiência, ao vir para Juiz de Fora e ingressar em uma universidade pública, ainda aos 18 anos, isto me fez considerar novas aberturas no campo do saber e dos costumes. Por mais que tenha sido difícil no início, com o distanciamento emocional de pessoas próximas a mim, com o passar dos meses fui construindo uma rede de amigos e colegas em que pude construir uma nova comunidade.

Quando o indivíduo está afastado de sua comunidade, a tendência é que isso se reflita em seu campo pessoal para atitudes mais fechadas perante a sociedade. Por isso, quando há uma mudança de cidade, estado ou país, as pessoas devem ter em mente que é importante construir laços em sua nova realidade, por mais complicado que possa ser em um primeiro momento.

Pelo lado profissional, a mudança geográfica também é um desafio, principalmente quando se muda de nação. Com a dificuldade com uma língua diferente e também pela validação e equiparação de sua profissão - como por exemplo através de revalidação de

diploma - normalmente profissionais de um país demoram um tempo até conseguir se posicionar no mercado estrangeiro em sua área, tendo que se manter com serviços mais básicos.

No campo afetivo e emocional, sem dúvidas se deslocar para outro espaço torna as pessoas mais suscetíveis à sensibilidade. Tanto pelos encantos que o novo lugar e sua nova vida podem apresentar, quanto à saudade que deve aparecer depois de certo tempo. É comum em minhas conversas que as pessoas, estudantes em sua maioria, confessem que nos primeiros meses ou anos em sua vida longe de casa, não sentem falta alguma de seu local de origem, pouco buscando em retornar. No entanto, conforme o tempo passa, essa saudade aumenta e o desejo de regressar mais frequentemente aparece. Compartilho este sentimento hoje, após quase 5 anos longe de casa.

De criação modesta e rígida, sempre tive como pilares em minha vida meu núcleo familiar tradicional: pai, mãe e irmão. De escola pública e cidade pequena, no interior de São Paulo, em uma cidade chamada São Roque, decidi deixar para trás toda a comunidade que pertencia e a família que me abrigava em seu seio para ir atrás de um sonho: cursar jornalismo em uma universidade pública.

Isto se tornou mais claro para mim durante o ensino médio, aquela fase dos 15 aos 17 anos que temos que decidir o que iremos fazer para o resto da vida. Meus parentes mais próximos não são doutores nem engenheiros, meu irmão estudou apenas até o ensino médio; meu pai e minha mãe nem isso. Nota-se que eu estava quebrando algumas barreiras e almejando um futuro diferente no horizonte.

Em 2014 chegou então a notícia: fui aprovado no curso que queria em uma universidade de boa reputação. A distância, pouco mais de 600 quilômetros, não seria impedimento para mim - na verdade eu mal tinha noção do tamanho disso.

Em março daquele ano chegara o momento de começar a etapa que mudaria toda minha perspectiva de mundo. Ao primeiro mês com 18 anos, já enchera o carro de malas, com roupas, tênis, livros - e até uma televisão. Orgulhoso de mim mesmo, não via a hora de começar a faculdade e, porque não, a vida adulta, com suas liberdades e responsabilidades.

Aos 15 dias do mês de março chegava a minha nova residência, que eu acabara de conhecer, já que havia combinado pela internet minha vaga na república. Chegando lá, meu irmão conversou com o responsável, enquanto eu descia a mala do carro e ajeitava as coisas. Um dos moradores estava lá, chamava-se Pedro. Ele ainda vive comigo após quase 5 anos - apesar de termos mudado de casa - e tornou-se um de meus melhores amigos.

Após me deixar alguns trocados - que não sabia até quando eram para durar - meu irmão se foi. E me vi pela primeira vez na vida completamente só. Há 600 quilômetros de casa, em um lugar que não conhecia absolutamente nada. De cidade pequena, em um primeiro momento me espantei com o tamanho da cidade, apesar de ter sido este um dos motivos para ter escolhido Juiz de Fora.

Não morávamos apenas Pedro e eu na casa, havia mais seis. Éramos oito no total, uma experiência definitivamente diferente da minha vida até então. A casa também não era muito boa, tínhamos muitas dificuldades lá. Mas, em agosto, conseguimos nos mudar para uma república administrada por nós mesmos, onde vivemos até hoje. Neste meio tempo pensei em desistir muitas vezes, voltar para casa, tentar outra faculdade, me mudar para o Rio de Janeiro, para a UFRJ. Nada disso aconteceu, e permaneci.

Após a mudança de moradia e uma frequência maior de aulas na universidade a partir do 2º período letivo de 2014, nunca mais pensei em mudança. Acostumado a cidade, comecei a fazer cada vez mais amizades e construir uma comunidade, principalmente com estudantes, diga-se a verdade. Aquele menino que chegou assustado e inexperiente à sua nova etapa, agora estava estabelecido em sua nova realidade. Dono do meu próprio nariz, na faculdade que queria, agora aproveitava a liberdade e a independência que a vida me tinha proporcionado por este período.

Agora eu estava descobrindo o que eu gostava, de como gostava e com quem gostava, sem as amarras da minha comunidade, da minha família ou dos olhos atentos e julgadores de uma cidade pequena. Aliado a tudo isso, obviamente minha visão de mundo também se abrangia graças ao efervescente ambiente acadêmico que tinha à disposição. Rodas de conversa, debates, aulas, seminários, cursos, discussões, tudo isso ajudou a moldar a pessoa quem sou atualmente. Quem eu me tornei. E cada experiência conta, desde as mais infantis quando cheguei a Juiz de Fora, até as mais profundas e desafiadoras que tive no decorrer do caminho.

Minha vida em Juiz de Fora tinha se sobreposto completamente a antiga, em São Roque. Mas a vida fez questão de me lembrar de onde eu vim e como ainda dependia de lá. Em quatro meses, de novembro de 2015 a março de 2016, perdi minha mãe e meu irmão, de formas diferente e igualmente dolorosas. Minha família, meus exemplos de vida e minhas fortalezas emocionais haviam partido definitivamente sem que eu pudesse evitar.

Aos 20 anos, na metade da faculdade, pensei que isto pudesse fazer com que eu tivesse de voltar para casa. Só havia restado meu pai, um homem já idoso, porém saudável e ativo,

em quem eu tinha de me apegar para conseguir atravessar este terrível momento. E foi o que aconteceu.

Aos 22 anos estou concluindo a faculdade de jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora, o curso que sonhei em uma faculdade e universidade que aprendi a amar e a respeitar, de onde serei eternamente grato por ter me recebido e me auxiliado a permanecer e a crescer imensuravelmente como ser humano, como homem, como cidadão, como filho, como irmão e, espero eu, como profissional de comunicação.

Muito diferente de quando entrei, posso dizer que esta mudança de cidade e estado moldou minha transformação e amadurecimento enquanto indivíduo, tendo proporcionado experiências inconcebíveis de tivesse permanecido preso ao meu local de nascimento ou a comunidade em minha volta.

Hoje penso diferente, tenho hábitos diferentes, assimilei gírias e costumes estranhos aos meus quando criança e adolescente. Claro que muitas de minhas bases ainda permanecem, minha criação e meu caráter. No entanto, ter podido experimentar tudo como fiz, um caminho não-óbvio para uma pessoa de onde vim e para onde fui, me tornou um ser singular, progressista e de visão complexa diante da realidade, das realidades, de nossas multi sociedades presentes em um mesmo país.

Por isso, me interessei muito por falar com pessoas que tiveram caminhos semelhantes. Que, com alguma consciência sobre si, tenham optado ou tido que trocar de território, de vida. A princípio a ideia era conversar com pessoas e diferentes partes do mundo que haviam migrado para o Brasil, mas com a situação grave que vive a Venezuela nestes últimos anos, mudei o enfoque e quis saber como estas mudanças afetam a eles, assim como as minhas mudanças afetaram a mim.

6. O MEU DOCUMENTÁRIO

O meu documentário teve como objetivo produzir uma pesquisa de caráter relevante e de qualidade para o trabalho de conclusão de curso em Jornalismo, utilizando como bases teóricas e conceitos de pesquisa teorias de desterritorialização, modernidade líquida, aliadas à teoria do documentário, onde busquei construir um relato que pudesse retratar as perdas de vínculos na vida contemporânea, a partir de histórias de venezuelanos que deixaram seu país.

Tentei testar, na prática, se os estudos tratados nas áreas de comunicação e de ciências sociais se evidenciam em exemplos de pessoas que relatam movimentos de deslocamento em suas experiências e em suas histórias. Que seja possível traçar um paralelo para evidenciar o fenômeno da perda de referências de origem em um mundo globalizado compreendendo um movimento maior da sociedade contemporânea.

Fazer com que o documentário possa demonstrar através dos relatos das personagens a hipótese de que o deslocamento e as mudanças que ele provoca interferem definitivamente nas experiências das pessoas. Se toda vivência adquirida através da desterritorialização e de frequentes mudanças ao longo do tempo fazem com que a visão de mundo e bagagem cultural e social sejam afetadas, como em seu modo de falar, pensar, agir e se alimentar por exemplo. No final das contas como o meio físico onde a pessoa se insere pode e vai modificá-la em diversos planos de sua existência.

Para a comunicação social e a formação jornalística de um graduando, entender os processos cada vez mais frequentes e rápidos de mudança no comportamento dos seres humanos, com relações interpessoais e com o espaço geográfico cada vez mais fluidas através de fenômenos globais de deslocamento e de processos tecnológicos cada vez mais avançados é de fundamental importância entender como isto se molda em diferentes experiências de vida.

6.1 Projeto inicial e pesquisa de personagem

No início, quando pensei em um projeto de TCC, quis fazer sobre estudantes que vieram de outros lugares para estudar em Juiz de Fora e como isso se assemelhava a minha própria história. Queria saber se suas histórias, experiências e dificuldades foram parecidas com as minhas. Estava claro que eu queria falar sobre os deslocamentos que acontecem na vida das pessoas e em minha própria.

No entanto, mais para frente, pensei que talvez pudesse ficar muito elitista ou até mesmo não representativo perante a uma sociedade tão plural e diversa como a do Brasil.

Comecei a pensar então em histórias de pessoas que viessem de outros locais do mesmo país, mas que não necessariamente fossem estudantes. Talvez histórias de trabalhadores em geral, casos de pessoas movidas pela família, relacionamentos amorosos, entre outras.

Apesar de gostar da ideia, apenas consegui começar minha pesquisa de personagem quando outra ideia ainda mais complexa me foi apresentada: entrevistar pessoas que fossem de diferentes países, com diferentes culturas e até mesmo continentes, que vivessem em Juiz de Fora.

Em um primeiro momento me pareceu bastante interessante e instigante ao mesmo tempo. Comecei, portanto, minha caça a estes personagens. Em abril de 2018, após consultar amigos e conhecidos, reuni uma lista de pessoas que eram de outros países e fui ao encontro de muitas delas. Comerciantes, pessoas que trabalhavam no centro da cidade, etc.

Porém, com a pesquisa de personagens em andamento, percebi que os possíveis personagens não eram muito bem aquilo que eu gostaria de entrevistar. Pois, majoritariamente, a maioria destes eram pessoas mais velhas e que já estavam há muitos anos aqui no país. Portanto, cheguei a conclusão de que não conseguiria encontrar neles a força suficiente dos depoimentos que outros casos pudessem transmitir em meu documentário.

Por fim, quando percebi que haviam alguns venezuelanos aqui em Juiz de Fora, que chegaram justamente, em sua maioria, pela crise aguda que ainda persiste em nosso país vizinho, me interessei pelo tema e comecei a fazer as pesquisas de possíveis personagens. Cheguei até mesmo a ir a uma associação que estava recebendo e acolhendo estes imigrantes. Falei com muitos venezuelanos, acabei efetivamente entrevistando seis destes, sendo 1 homem e 5 mulheres. E, no final das contas, acabei por colocar no filme, apenas três.

Este corte se deu pela necessidade gigantesca de diminuir o conteúdo das entrevistas, pois cada entrevista com todos os 6 levaram praticamente 60 minutos de material bruto. Tive de fazer uma escolha entre colocar todos e perder profundidade de todas as histórias ou colocar menos personagens e aprofundar mais em suas vidas. Como ficou claro, escolhi a segunda.

Dessa forma acredito que o espectador poderá compreender melhor a vida de cada um, suas dificuldades e opiniões sobre todas as mudanças de suas vidas e como isto afeta seu interior, sua paz de espírito, sua religiosidade, sua cultura e experiência de vida.

6.2 Entrevistas

Foram ao todo seis entrevistas entre 26 de agosto e 23 de setembro de 2018. Como dito anteriormente, tinha a expectativa de utilizar todos os depoimentos, porém acabou não

sendo possível. De qualquer forma, todas elas contribuíram para o desenrolar do trabalho final e do resultado visto no filme.

6.2.1 Manuel

Figura 1 - Captura de tela durante a entrevista com Manuel Artigas para o documentário



A entrevista com Manuel foi bastante impactante para mim. Foi a primeira. Desde que iniciei as conversas com meu professor-orientador, Cristiano, ainda em 2017, a fim de formatar um tema e um mote para o produto audiovisual que será exibido como trabalho de conclusão de curso na Faculdade de Comunicação da UFJF, esta foi minha primeira etapa audiovisual que foi concluída.

Eu estava bastante ansioso por ela e ainda não me sentia preparado para tal responsabilidade. Mas, como o professor havia me dito, seria de suma importância para que o restante das entrevistas e trabalhos prosseguisse.

Marquei com Manuel dois dias antes, depois que visitamos juntos a Associação dos Amigos, localizada no bairro Dom Bosco, que funciona como casa de abrigo para pessoas em

tratamento do câncer. Neste momento, no entanto, muitos venezuelanos que chegam a Juiz de Fora tem ficado no local, a fim de ter um espaço digno para viver.

Com a entrevista previamente marcada, na sexta-feira anterior à entrevista, peguei emprestado na Facom um equipamento auxiliar de mais uma câmera, tripé e iluminação, para, juntamente com o equipamento que possuo, realizar a entrevista da melhor forma possível.

O dia tão esperado chegou e, no dia 26 de agosto, por volta das 15h30, cheguei em sua casa, no São Pedro. Como precisava de ajuda no manuseio das câmeras, pedi para que meu colega de república, Pedro Henrique, me acompanhasse. Ele se prontificou e fomos a pé para o local. Chegando em sua residência, fomos recebidos por ele e sua namorada Rosa. Manuel acabara de sair do banho, estava de penteado novo, que Rosa brincou que era para aparecer diante das câmeras.

Eu não sabia muito bem como seria, mas tentei fazer com que a entrevista transcorresse da maneira mais profunda possível, com tempo suficiente para que o personagem se abrisse e pudesse contar todas as histórias que desejasse de forma bem natural.

Por volta das 16h começamos os trabalhos, em sua sala. Era uma tarde fria e nublada e por isso achamos que o melhor seria que a conversa acontecesse por ali. Depois, ao ver com mais atenção as imagens, percebi que o cenário não ficou muito bonito nas imagens, mas fiquei satisfeito pelo nível da entrevista ter sido próximo do que eu gostaria.

Por mais que eu não me sentisse confiante a ponto de realizar a entrevista, fui me sentindo mais envolto por tudo ao ir conhecendo a história dele. No final, já estava arranhando mais do que de costume meu espanhol.

Infelizmente, como foi a primeira vez, deixei que a entrevista se tornasse longa demais. Primeiramente, houve o infortúnio de o cartão de uma das câmeras encher, depois, com o problema resolvido, seguimos com as últimas perguntas. Na minha avaliação, como neste processo se passou preciosos minutos, o clima de conversa natural se perdeu um pouco. Apesar disso, conseguimos mais informações dele. No final, a entrevista teve que ser encerrada pelo esgotamento das baterias das câmeras.

No total, ficamos em gravação por cerca de uma hora e trinta minutos. Um tempo longo. Já saímos de sua casa cobertos pela noite nublada e fria da cidade. Mesmo com todos os erros e aprendizados desta primeira entrevista, senti que consegui tocar de forma positiva o personagem tendo recebido um abraço do mesmo ao final da gravação.

6.2.2 Rosa

Figura 2 – Captura de tela durante a entrevista com Rosa Guerrero para o documentário



Uma semana após a entrevista com Manuel foi a vez de Rosa, sua namorada, receber minha visita em sua casa para que pudéssemos realizar a nossa conversa. Desta vez, pedi para que meu colega de sala, Davi Carlos, me ajudasse com a gravação. Marquei com ela às 14h30 da tarde, para evitar que ficasse escuro no decorrer dos trabalhos.

Pontualmente, encontrei com Davi na UFJF e percorremos o mesmo caminho da semana anterior em busca do relato de uma estrangeira que vive no país há cerca de dois anos. Com dia quente e bastante sol, subi no terraço da casa de Yobani, com quem dividem uma área comum. Achei um sofá no local, coberto por um pano branco, e não tive dúvidas que ali conseguiria imagens que não consegui na conversa com Manuel.

No entanto, pouco depois de chegar ao local, Davi sentiu dores e precisou ir para casa. Pedi ajuda a uma das pessoas que estava na casa de Yobani, que recebi no momento visitas de colegas. Após algumas instruções, outro venezuelano, César, já estava apto a desempenhar uma função de assistente de câmera.

A entrevista começou por volta de 15h30 e durou cerca de 55 minutos. Eu estava mais tranquilo em relação ao conteúdo, pois havia tido a mesma experiência na semana anterior.

Porém, apesar de o enquadramento ter ficado melhor, senti que Rosa, a entrevistada, não conseguiu sair do personagem de entrevistada.

Mesmo com perguntas mais delicadas sobre a família e como é não poder voltar para a Venezuela, senti um grau de artificialidade maior do que com seu namorado, Manuel, uma semana antes.

Nesta entrevista, bem como na precedente, pedi para que o entrevistado ficasse sozinho junto a mim e meu assistente do dia no momento da gravação. Apesar de ter feito isto uma semana antes, Rosa estava escutando os questionamentos realizados a seu namorado, o que, ao meu ver, a preparou mais para a entrevista do anteriormente.

Após o término da gravação, ainda permaneci por mais alguns minutos na casa de Yobani, tomando café e assistindo a um jogo de futebol que estava passando na TV. Me senti mais tranquilo ao realizar a entrevista, tentei conduzi-la integralmente em espanhol, assim como as respostas da entrevistas também foram todas neste idioma.

É importante colocar que por ser meu amigo e destes entrevistados, Yobani teve papel fundamental para que a confiança nos relacionamento deles para comigo fosse maior e mais rápida. Sem este apoio, talvez as entrevistas tivessem tido maiores dificuldades.

6.2.3 Neirik

Figura 3 – Captura de tela durante a entrevista com Neirik Muñoz para o documentário



Na sexta-feira, dia 14 de setembro, me dirigi a casa de Neirik, que também mora com Wendy, outra personagem de meu documentário. Marcamos para as 16h, que era um horário bom para ela. Por isso, tive que faltar a uma aula que tenho na Facom. Como ela vive no Bairro de Lourdes, do outro lado da cidade, pedi um Uber. Fomos então Rafael e eu, que mora comigo, e chegamos lá pontualmente com os equipamentos necessários para registrar o momento.

Quando chegamos fomos recebidos pelas duas moradoras, pelo filho de Wendy, que chama-se Juan e uma hondurenha amiga de Neirik, que já não me recordo o nome. Ainda não sabia qual das duas iria entrevistar primeiro naquele dia, mas Wendy logo prontificou-se a apontar Neirik para iniciar.

Após algum tempo preparando tudo e escolhendo o melhor enquadramento, pedi para que as outras pessoas que estavam ficassem em outro cômodo para que não influenciassem no comportamento da entrevistada.

A entrevista, que ocorreu na sala de sua casa, que fica situada em uma espécie de cortiço ou vila muito aconchegante, durou cerca de 40 minutos. Neste tempo abordamos vários aspectos de sua vida e como tem sido viver em Juiz de Fora. Em minha opinião, a entrevistada se mostrou bastante solícita e empenhada com a entrevista, tendo passado com clareza e honestidade sua vida até aqui.

Após a entrevista, fiz algumas imagens das duas preparando seus salgados, que têm sido um trabalho desempenhado com sucesso pelas venezuelanas. Ganhamos café e bolachas também, como demonstração de gentileza pelas duas.

Após o fim das atividades, começou a chover, tornando o Uber extremamente caro, tivemos que voltar para casa de ônibus, vindo até o Centro da cidade e tomando outro até o nosso bairro.

6.2.4 Wendy

Figura 4 – Captura de tela durante a entrevista com Wendy Orellana para o documentário



A entrevista com Wendy aconteceu pela manhã do dia 21 de setembro, uma quinta-feira. Foi a primeira e única que fiz durante esta parte do dia, pois era um horário em que a entrevistada tinha possibilidade. Marquei com um amigo de me acompanhar para ajudar com a operação das câmeras, mas fui surpreendido quando chegou no horário combinado, pois ele simplesmente não apareceu.

Até pensei em desistir, tendo em vista que não haveria possibilidade de encontrar outra pessoa para me ajudar estando já em cima da hora. Por isso, me atrasei, mas mantive o foco e fui para a entrevista, sozinho.

Cheguei lá por volta das 10h da manhã, depois de pedir um carro através do aplicativo 99, que é mais barato que o Uber. Fui recebido neste dia apenas pela Wendy, a entrevistada, e seu filho. Neirik estava lá, mas não apareceu para me cumprimentar neste dia.

Novamente fui agraciado com um café e, após montar um cenário diferente da entrevista anterior - pois foi no mesmo local, iniciei a mesma. Foi um desafio para mim tomar conta de duas câmeras e ainda assim prestar atenção no que dizia a entrevistada. Pelo que vi, algumas imagens ficaram com uma exposição incorreta, mas no fim das contas o conteúdo valeu a pena.

Na entrevista em si Wendy demonstrou ter tido muitas dificuldades com toda essa mudança que ocorreu em sua vida, foi muito sincera e se emocionou em certos pontos. Fiquei surpreso com a personagem, que considero ter uma das melhores histórias.

Após o término, contei algumas coisas da minha vida que achei que fosse parecido com sua experiência recente, conversamos um pouco e fui embora, pedindo um carro e retornando a minha casa.

6.2.5 Yoca e Angela

Figura 5 – Capturas de tela durante a entrevista com Angela e Yoca para o documentário



Estas duas personagens vivem no bairro Dom Bosco, em uma associação que tem ajudado a venezuelanos que tem migrado para o Brasil. Como é no alto de uma comunidade, não é de tão simples acesso, mas já havia estado lá acompanhado uma reunião entre os moradores e coordenadores. Dia este, portanto, que as conheci e dei os primeiros passos rumo a uma entrevista.

Apesar do coordenador do projeto não ter colaborado para que pudesse ser feita a entrevista, conversei com as duas via WhatsApp e combinei o dia e horário para fazê-la, que foi no domingo, dia 23 de setembro, na parte da tarde.

Eu estava ansioso para conversar com pelo menos uma delas, pois assim finalizaria as entrevistas com os personagens. Acreditava que faria com apenas uma, por conta do tempo de gravação e duração das baterias das câmeras, mas pela surpreendente rapidez com que a primeira entrevista se desenrolou, consegui entrevistar a ambas venezuelanas.

Meu colega de república Pedro foi quem me acompanhou, ele já havia estado comigo na primeira entrevista com Manuel e, coincidentemente esteve nestas últimas. Chegamos lá sem problemas e fomos recebidos por outra moradora, que nos deixou entrar. Aguardamos alguns minutos por Yoca, que é uma senhora de 50 anos muito simpática. Arrumamos as

coisas, definimos o local e a entrevistamos. Ela parecia muito feliz com sua estadia em Juiz de Fora, apesar de todas as dificuldades inerentes a uma mudança como esta. Foi uma entrevista de 35 minutos, não durou muito, mas que penso ter extraído pontos úteis para o meu filme.

Depois foi a vez de Angela, uma enfermeira super animada e que também gosta de falar. Ela já foi contando sua história de uma vez, sem que eu tivesse feito nem mesmo uma pergunta. Contou todos os aspectos mais importantes de que se lembrava, depois fiz alguns questionamentos, mas também não levou muito tempo. Creio que serão personagens ótimas para o complemento do encadeamento de imagens. Com isso, finalizei minhas entrevistas a campo.

6.3 Equipamentos e técnicas

Durante o planejamento para as entrevistas pensei em utilizar duas câmeras em todas as entrevistas para que houvesse uma maior possibilidade de corte e também que uma imagem fosse mais aberta, contemplando o local – pois todas as entrevistas foram gravadas nas casas dos personagens – que era importante para mim e também a possibilidade de close em momentos mais emocionantes ou de forte mensagem.

Para tanto, utilizei para todas as imagens de close e também as outras imagens que o documentário traz a minha câmera, que é uma DSLR Nikon D7200, com lente Sigma 17-50mm F/2.8. Este conjunto traz imagens com desfoques e também uma boa variedade de imagem, sendo possível desde imagens mais fechadas quanto mais amplas de locais. Além da minha sempre companheira câmera, peguei emprestada na Facom a DSLR Canon T6i, com lente Canon 18-55mm F/4.5-5.6, para que pudesse realizar as imagens mais abertas que pudessem mostrar o ambiente em que os personagens viviam durante as entrevistas.

Este combo de imagens resultou em mais de 150gb de material bruto que teve que ser decupado, selecionado, cortado e, posteriormente, editado. Além das câmeras, dois tripés simples de fotografia foram utilizados para dar suporte, além de um microfone de lapela conectado à câmera Nikon para que a captação de áudio fosse melhor. Durante algumas entrevistas utilizei um fone de ouvido para que pudesse acompanhar o áudio em tempo real. Para finalizar a lista de equipamentos, também foi colocado na maior parte das entrevistas um painel de LED emprestado pela Faculdade de Comunicação da UFJF. O software utilizado para a edição foi o Adobe Premiere CC em sua versão de 2015.

De uma forma geral o equipamento utilizado desempenhou um bom papel e conseguiu trazer qualidade para os objetos capturados.

6.4 Produção, gravação e o entrevistar

Para realizar as gravações das entrevistas não foi de todo fácil ou simples. A primeira parte consistia em encontrar possíveis personagens: venezuelanos que estivessem morando em Juiz de Fora. Com isso, alguns amigos peruanos que estudam na UFJF e têm mais contato com estrangeiros de países vizinhos puderam me ajudar com números de telefone.

Com o contato deles em mãos, os adicionei no WhatsApp e fiz a abordagem explicando qual eram os objetivos da entrevista e sobre quais assuntos iríamos conversar. Alguns aceitaram, outros não. No entanto, mesmo entre os que aceitaram, não foi fácil marcar efetivamente de entrevistá-los. Tive que marcar com a Neirik e Wendy, por exemplo, várias vezes até que chegássemos a uma data apropriada para todos.

Outro desafio foi o de entrevistar os personagens em um formato apropriado para um documentário – deixando que os personagens falassem livremente e sem interrompê-los – pois havia a questão da duração das baterias das câmeras que aguentavam por no máximo uma hora. Então, como primeira experiência na elaboração de um documentário completo, foi a de tentar dirigir a entrevista para que pudesse ser o mais proveitosa possível dentro dos limites de tempo que as condições técnicas me impunham.

Sempre estive mais acostumado a estar por trás das câmeras e, como eu tinha que estar concentrado em entrevistar os personagens, acabei deixando essa parte de supervisão para quem estivesse comigo me auxiliando. Porém, como nenhum dos meus amigos que me ajudaram eram da Facom ou tinham conhecimento prévio apurado dos equipamentos, havia uma tensão a todo o tempo para mim se as imagens estavam ficando boas, focadas, com exposição correta ou até mesmo em um ângulo apropriado. Inclusive, como dito anteriormente, acabei fazendo a gravação com a Wendy – em minha opinião uma das mais interessantes que realizei – completamente sozinho, pois a pessoa que iria me acompanhar não apareceu. Fiquei em dúvida entre remarcar ou ir sozinho. Fui, fiz e consegui um bom material.

Realizar um documentário de forma individual não é algo simples, há muitas dificuldades, ainda mais pela escassez de recursos e com entrevistas utilizando duas câmeras. Mas no fim das contas tudo ocorreu bem, talvez algumas imagens não ficaram da forma que imaginei, mas conseguiram captar a essência do assunto tratado.

6.5 Edição e finalização

No início do processo de edição não havia um roteiro bem definido de como o filme ficaria após a finalização. Apenas sabia que as entrevistas precisariam dialogar com o tema proposto no trabalho de conclusão de curso. Após realizar as entrevistas, foi possível definir

que precisaria de uma entrada, uma contextualização com o assunto tratado, imagens de cobertura durante as entrevistas e também uma conclusão sobre as histórias ali contidas.

As músicas também colaboraram para a climatização do filme, que pretende ser reflexivo e fazer com o que o espectador possa refletir após assisti-lo. A principal música do filme se chama *Tonada de Luna LLena*, do cantor venezuelano Simon Diaz. Na escolha, queria que fosse de um artista do país e ao pesquisar várias canções esta foi a que mais pareceu se encaixar com o contexto do filme e das personagens.

No filme é possível perceber que antes da entrada de cada entrevista aparecem algumas palavras na tela. Estas palavras são uma prévia de alguns dos assuntos mais importantes que o entrevistado falará no decorrer do tempo em que aparecem. Para mim, a desterritorialização aparece nas entrelinhas, nas saudades de casa, em como a personagem relata um familiar distante ou um tempo em que passou em seu antigo lar. Por isso, estas palavras, que foram colocadas de forma simples na edição, dão pistas e ajudam a contextualizar e a introduzir cada um dos entrevistados.

Os timelapses também são uma das minhas marcas preferidas dentro do meu portfólio. Tentei utilizá-los bastante para que pudesse dar uma sensação de movimento, de fluidez, de rapidez em que as coisas hoje passam, de como a vida se atropela e o tempo não para. Foram vários e um especial que abre o filme com um pôr do sol do bairro São Pedro.

Editar e decupar todo o material gravado talvez tenha sido um dos processos mais difíceis e dolorosos para mim. É difícil ter que selecionar, retirar, diminuir ou até mesmo excluir entrevistas para o projeto final. Digo isto porque quando se é o autor de todos os processos do filme, de todas as etapas, há uma relação mais próxima com aquelas imagens, com o trabalho de encontrar aqueles personagens, na dificuldade de captar as imagens e como foi difícil fazer a entrevista.

Então, para mim, ter que utilizar apenas três entrevistas no documentário foi um processo de raciocínio e de tomada de decisão que levou semanas. Pois ao perceber que utilizar todas as entrevistas não daria o nível de profundidade, questionamento e contexto que para mim o filme precisaria mostrar, não foi a primeira decisão, nem a mais óbvia, de excluir três entrevistas. Somente após quebrar muito a cabeça e assistir a todas as entrevistas novamente foi que tomei esta decisão.

O filme terá cortes na parte de cima e debaixo nos frames para que tenha uma sensação mais cinematográfica. Há também transições entre os personagens, músicas de fundo, timelapses, além de imagens da cidade. Um elemento importante para a compreensão será a legenda, que deve facilitar o entendimento dos que não falam espanhol. Ele foi gravado

e exportado em alta definição (1920x1080p) para que tenha qualidade mesmo nas maiores telas.

Ao final de todo o processo de edição e montagem do filme havia ainda um desafio: legendar todo o material. Como foram conduzidas as entrevistas todas em espanhol havia a necessidade de se legendar para que ficasse mais fácil o entendimento por parte do público. Foram pelo menos dois dias legendando e depois fazendo uma revisão sobre o texto colocado na tela durante as falas das personagens.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De uma forma geral, o trabalho foi se formando juntamente com o passar das entrevistas e das experiências trocadas. Por se tratar de um tema amplo e com devida complexidade, tentando sempre tocar no assunto de uma forma subjetiva e a partir dos relatos colocados pelos entrevistados, penso que o resultado é bastante satisfatório e o conteúdo apresenta a profundidade pretendida quando planejei elaborar um produto audiovisual sobre este tema.

Ao final deste trabalho de longos meses, tendo como base as teorias e números, mas também com uma atenção e um olhar mais atencioso sobre o tema, e com a imensurável oportunidade de aprendizado a partir dos relatos de todas as personagens que tive a oportunidade de entrevistar, é possível afirmar que a desterritorialização tratada durante este trabalho, sim, afeta diretamente a vida de quem participou ou participa deste processo.

Seja em um intercâmbio cultural ou estudantil em que indivíduos passam determinado período de tempo em contato com culturas diferentes de sua origem ou por um processo involuntário de migração, em que a pessoa é levada a tal mudança e sem tempo determinado, são notórias as percepções de que suas visões de mundo se tornam mais abrangentes, seus comportamentos se modificam e reflexões sobre a vida e a sociedade são mais comumente realizadas.

É impossível, no entanto, estabelecer um que grau de profundidade em que este tipo de experiência vai mudar em cada pessoa. Também é difícil prever como cada pessoa irá reagir a tal mudança.

O que se evidencia com as entrevistas é que cada pessoa lida de uma forma diferente, uns com mais humor, outros com mais tristeza, maior ou menor emoção, saudades de suas origens ou desapego de bens materiais e lembranças.

Mesmo que em um primeiro momento também não tivesse sido colocado, acho que dar voz a pessoas que vieram da Venezuela, em um momento de escrutínio e desinformação massivo a respeito de seu sistema político e de quem são essas pessoas foi uma das boas escolhas que realizei neste documentário. Escolhas estas que me sensibilizaram em muitos momentos ao escutar seus relatos e, mais do que isso, me fizeram pensar sobre meu próprio deslocamento ocorrido nestes cinco anos em Juiz de Fora.

A miscigenação, o intercâmbio cultural, a troca de experiências, o contato e a convivência com o diferente tem muito a contribuir e enriquecer na formação de pessoas em qualquer lugar do mundo. A prática de conhecer diferentes etnias, religiões, línguas e culturas

é parte fundamental para a formação de uma sociedade mais humana e que pratique cada vez mais a tolerância entre todos.

Em tempos de tantos debates, nacionalismo aflorado e protecionismo de diversos países, em que está cada vez mais presente uma xenofobia velada por partes de políticos e replicada por seus cidadãos, é de suma importância ressaltar que todos têm os mesmos direitos perante a Declaração Universal dos Direitos Humanos, e que isto deve ser levado em conta nas tratativas políticas sobre o tema, deixando aspectos econômicos em segundo plano. Pois, mais do que números, nestes casos, o que está em jogo são vidas humanas.

Para a minha formação jornalística, inclusive, foi um grande aprendizado, aliado a uma experiência única de colocar o jornalismo em prática, além de conseguir tratar de um tema tão atual quanto importante que nossa sociedade está vivendo, chamando a atenção para as pessoas que precisam e querem ter voz em meio a esse processo tão duro em suas vidas.

No início fiquei um pouco receoso de conduzir as entrevistas, pensei que talvez não pudesse dar conta, mas com o passar do tempo fui me familiarizando com o tema e com as entrevistas, fui ficando mais atento e profissional, e consegui extrair e mostrar o melhor de cada um de meus entrevistados, o que certamente contribuiu de forma inequívoca para um olhar mais humano e humanizado das fontes e do mundo à minha volta.

REFERÊNCIAS

1. Acessado em 11 de setembro de 2018: https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Migration_and_migrant_population_statistics/pt
2. Acessado em 19 de setembro de 2018
(https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150901_japao_aulas_etc)
3. Acessado em 12 de setembro de 2018: <https://nacoesunidas.org/numero-de-migrantes-internacionais-chega-a-cerca-de-244-milhoes-revela-onu/>)
4. Acessado em 12 de setembro de 2018:
(<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/numero-de-migrantes-no-mundo-cresceu-41-entre-2000-e-2015-segundo-onu,61502e3f37fac637a6416e879d98df19iwjkihap.html>)
5. Acessado em 30 de agosto de 2018:_
<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/migracao-internacional.htm>
6. Acessado em 1º de setembro de 2018. <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>
7. Acessado em 1º de setembro de 2018:<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/54-dos-venezuelanos-que-entraram-no-brasil-por-rr-desde-2017-ja-deixaram-o-pais-diz-ministro.ghtml>
8. Acessado em 19 de setembro de 2018: (<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-era-uma-viagem-maritima-no-tempo-dos-descobrimentos/>)
9. Acessado em 30 de agosto de 2018:_
<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/09/4-reflex%C3%B5es-de-Zygmunt-Bauman-das-redes-sociais-ao-%E2%80%98medo-l%C3%ADquido%E2%80%99>
10. Acessado em 19 de setembro de 2018:
(<https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-chega-a-2-13-bilhoes-de-usuarios-em-todo-o-mundo,70002173062>)
11. Acessado em 9 de setembro de 2018:_
<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-06/numero-de-refugiados-bate-novo-recorde-e-atinge-685-milhoes>

OBRAS

VIRILIO, Paul. Velocidade e Política, São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2ª edição, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida, Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura, São Paulo: Paulus, 2003.

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal... o que é mesmo documentário? São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

MIGLIORINI, Cezar. (org) Ensaios no real / o documentário brasileiro hoje. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

ANEXOS

Entrevista Rosa -		ESPORTE / TÊNIS
Parte 1		REL. MONTANHA / MATUCA
		" AVO
		PROTESTO IRMÃO TIRO. DESAPEGADO.
01:27 - 2:25	- Sua cidade e a universidade - montale	
02:30 - 03:20	- família	
04:00 - 04:40	- infância "criada"	
04:46 - 05:40	- colégio de freiras / católico	
06:00 - 7:20	- Tênis em sua vida, início	
08:10 - 8:40	- Esporte com a família	
09:08 - 10:00	- ligação com a família	
10:30 - 11:30	- Trabalho pai e mãe / lembranças	
11:30 - 12:30	- Tênis e rememoração	
12:40 - 14:15	- Relação com os irmãos e esporte	
14:25 - 15:00	- Trocas de curso	
15:40 - 16:34	- Trabalho adulto	
16:33 - 18:50	- Montanha sentimento	
19:00 - 19:59	- casa montada e de vô	
00:00 - 01:03	- " "	" "
01:08 - 02:08	- avô	
02:12 - 02:36	- avô	
02:50 - 04:00	- Contato com a avó Rose	
04:08 - 05:00	- comida com a avó	
05:13 - 05:28	- Tomar mais café aqui	
05:45 - 06:57	- Significado montale	
07:05 - 08:12	- Protesto Venezuela e lei + montale	
08:25 - 09:10	- Relação com protestos e irmão	
09:12 - 10:38	- Suosta com o irmão	
10:45 - 12:00	- ainda no Brasil	

- 12:45 - 13:21 - adaptação e chegada
- 14:00 - 14:30 - saudade Venezuela
- 14:40 - 15:20 - família expatriada
e vida de família
- 15:40 - 16:20 - contato família
- 16:51 - 17:30 - família expatriada
- 17:35 - 17:50 - Venezuela Não!
- 18:00 - 19:00 - Pais não sabem
- 19:50 - 19:59 - Os amigos
-
- 00:15 - 01:00 - "mulheres como exemplo"
- 01:15 - 02:00 - avô e avó - história
- 03:00 - 04:45 - incertância maternidade
- 05:00 - 06:30 - sentimento só
- 06:35 - 07:00 - como imigrante
- 07:20 - 08:20 - metamorfose / mudança
- 08:30 - 09:00 - Diferente Brasil
- 09:20 - 09:30 - música e idioma
- 10:30 - 10:45 - funk não
- 11:00 - 11:30 - Casa do Zamba / 135 no 200
- 11:40 - 12:15 - Promissões
- 13:00 - 13:10 - coisas diferentes
- 13:40 - 14:00 - síria
- 14:40 - 15:43 - Manuel vinda
- 16:00 - 16:40 - apoio emocional
- comunidade

Entrevista Neirik

- 03:30 - 04:40 - Quem é e de onde veio
- 05:17 - 05:40 - Infância em Porto Alegre
- 06:13 - 07:00 - Mãe gêmea e como é
- 07:10 - 7:30 - Jiver sozinha
- 07:45 - 9:00 - Casa da vó e comer frutas
- 09:05 - 9:30 - Casa da mãe
- 09:30 - 10:00 - Trabalho depois da ^{suíça} ~~suíça~~ _{noche}
- 10:15 - 10:45 - Comida da vó e como
- 12:04 - 13:00 - Porto Alegre e Mérida ^é
- 13:00 - 13:20 - ^{diferença} Minha cidade é Mérida
- 13:30 - 14:30 - Porto Alegre - geograficamente
- 14:40 - 15:45 - Lugar na infância, ^{conexões} ~~conexões~~
- 16:27 - 18:10 - Literatura e culinária
- 18:27 - 18:45 - ^o ~~o~~ traço do país
- 19:31 - 20:00 - Mudança de cidade e ^{adaptação} ~~adaptação~~
-
- 00:00 - 01:00 - "
- 01:37 - 02:15 - Trabalho em Mérida
- 02:26 - 03:30 - Estudos mto - faculdade
- 03:30 - 03:59 - Correção professores
- 04:00 - 04:17 - Mãe deu uma TV
- 04:45 - 05:25 - ~~Por~~ literatura mundo paralelo
- 06:20 - 07:10 - Conheceu Brasil através do ^{literário} ~~literário~~
- 08:00 - 08:55 - Cantata ^{prévio} ~~prévio~~, ^{cidade} ~~cidade~~ ^{paralela} ~~paralela~~
- 08:55 - 09:22 - Creche Luis de Sore

12:30 - 12:47 None

13:00 - 13:46 - xistória com ~~de~~ coal na
caçada de Mérito

14:00 - 15:25 - Início com o esporte

15:50 - 16:50 - vida anterior e decisão de vir

17:00 - 17:25 - Chegada em Paranaíba e Tabela

17:25 - 20:00 - Vinde para Jijó e Jara

00:00 - 01:20 - Início com Tabela

03:20 - 05:20 - Wendy

06:00 - 06:50 - Contato com irmã e mãe

07:46 - 08:36 - Jijó

09:20 - 10:18 - Plano de dar aula

11:08 - 12:45 - Vinde + em reunião
luzes

13:17 - 13:54 - Saudades (esporte)

14:38 - 15:15 - Vida de Jara em JF

16:43 - 17:00 - Jara

Entrevista Manoel

- 00:30 - 01:00 - Quem é e de onde vem
- 02:00 - 03:00 - Talera - cidade em que nasceu e sua mudança para Meida
- 03:44 - 05:00 - Talera, como é
- 5:00 - 06:20 - cidade das 7 colinas e comentário Roma
- 6:20 - 6:49 - clima cidade
- 07:10 - 07:50 - Infância
- 07:50 - 09:00 - Lembrança pai na infância e reflexo na música
- 09:00 - 10:40 - Primeira contato Beisebol e lanche que a mãe fazia
- 10:40 - 11:00 - Beisebol e música na infância
- 11:50 - 13:00 - Início música
- 13:00 - 14:10 - gaita / usado pra protestos
- 14:10 - 15:50 - souso tocar gaita
- 16:00 - 19:00 - souso beisebol e softball
- 19:01 - 20:00 - futebol
-
- 01:30 - 03:00 - família e irmãos
- 03:00 - 05:00 - Relação artística da família
- 05:30 - 6:00 - Apoio irmão futebol
- 06:30 - 07:30 - Torcida beisebol (parte boa no final)
- 08:00 - 11:50 - Lugar na infância, cores e época econômica (as) mudança de barre

11:55 - 12:20 - Pai banca a família
 12:30 - 13:00 - Retomada do longer
 13:00 - 14:00 - Sacerdote
 14:25 - 16:40 - sonda de rock
 16:40 - 18:00 - separação dos integrantes
 e apresentações no
 casamento
 18:00 - 18:50 - Mérida tudo diferente
 19:20 - 20:00 - Idos e vindos de Valera
 a Mérida.

00:00 - 01:42 - " Minicoco em Mérida e
 trabalho
 01:50 - 03:00 - Tônia em Mérida
 03:00 - 04:40 - Apartamento importância
 04:40 - 06:35 - Principais lembranças
 Rio Bahia
 06:45 - 07:35 - Mérida e mentais
 identidade
 07:51 - 08:40 - cine estudante
 08:40 - 10:00 - Por que cine?
 10:00 - 12:40 - Fotografia e somido
 12:40 - 13:50 - Experiência trabalhando
 13:50 - 16:40 - Cursar no Venezuela e
 filmes parar e
 Papai morreu
 16:40 - 18:19 - Verde o início da vida
 19:30 - - símbolo gravador

00:00 - 00:50 -
 00:50 - 01:40 - Tentar vender gravador
 01:40 - 03:00 - Trabalho em São Paulo

03:00	-	03:30	-	ajuda do grandedor p 1 ele imigrante
04:10	-	05:20	-	Brasil início
05:20	-	07:00	-	Trabalho de qualquer coisa
07:00	-	07:20	-	IDA a São Paulo
07:30	-	07:19	-	Universidade imigrantes RU
<hr/>				
01:50	-	03:00	-	Residência isolada
03:00	-	03:20	-	Idioma difícil
03:40	-	04:25	-	RU
04:25	-	06:43	-	Vida em SP e imagem Brasil
07:22	-	08:22	-	Adaptação Brasil e balanço
08:30	-	09:10	-	Brasil receptiva
09:14	-	09:30	-	guia de fora menos receptiva
09:30	-	10:00	-	Migração sobre vida
10:00	-	11:17	-	Um dia como voltar, ética política
12:00	-	12:54	-	comida brasileira
13:00	-	14:30	-	Árvore comida Krice
14:40	-	15:30	-	Stroganoff e satole palha
17:00	-	19:25	-	Retina Brasil
19:25	-	20:00	-	Berndt no Brasil
<hr/>				
00:00	-	01:00	-	"
02:28	-	04:30	-	Im Terceirão cultural
04:40	-	07:00	-	Brasileiro não conhece países vizinhos
08:53	-	09:30	-	Deusa TCC e intenção mestres
10:48	-	12:47	-	Passado e presente

Entrevista Wendy

- 01:10 - 01:20 - Nome, idade e de onde vem
 01:24 - 02:20 - Cidade Berinas, clima
 03:50 - 04:20 - Berenito, população
 04:52 - 05:25 - Parentes próximos,
 05:29 - 06:50 - bisavô João
 07:05 - 08:00 - Rota infância e trabalho
 08:00 - 08:40 - Poder eleitoral
 08:40 - 09:25 - 9 anos e saída do país
 09:25 - 11:00 - deixar o filho e ir de novo
 12:00 - 13:17 - sentimento a respeito das migrações
 13:20 - 14:19 - Jirg de Jorox Bao Vista
 15:10 - 18:11 - Engenho Monas
 18:40 - 19:30 - Juan se prepara para
 19:30 - 20:00 - Natal virgem e oratório
-
- 00:00 - 02:30 - " " "
 02:47 - 03:52 - Fronteira Jorox Bao Vista Juan
 04:00 - 04:20 - Casa Berenito e vida em J
 04:55 - 06:50 - fecundidade e Tce grande
 07:34 - 09:20 - Juan amor da mãe vida
-
- 01:00 - 02:30 "
 03:03 - 03:48 - Adaptação Juan
 Familiares próximos
-
- 00:10 - 00:53 - Contato com a bisavô
 01:00 - 02:00 - família as palavras
 02:55 - 03:55 - Decisão de sair
 04:40 - 05:52 - Condição e força p/ sair
 06:15 - 08:00 - Adaptação Jirg de Jorox
 08:05 - 10:17 - Neitik e projeto

11:15 - 12:00 - Saudades de família das prog
 12:00 - 12:30 - Testemunho
 13:15 - 13:50 - Sessão de lazer parte de
 14:10 - 16:05 - Barzinhos ande
 16:30 - 17:09 - Hábitos / diferenças / comidas
 17:10 - 17:40 - Domingo
 18:40 - 20:00 - Aceper's non 9
 20:00 - 21:00 - Joanita

01:05 - 02:38 - Avaliação e mudança
 05:00 - 05:30 - Força de Deus
 06:30 - 08:30 - Trabalhos diferentes
 08:40 - 09:40 - Lé e equin
 09:40 - 10:00 - Vizu

Entrevista Jacolím

- 01:14 - 1:20 - Quem é, idade e de onde vem
- 01:29 - 01:50 - Baratas, como é, clima
- 02:50 - 03:20 - infância
- 03:20 - 03:40 - família
- 03:57 - 04:49 - vida lá antes de vir
- 05:18 - 05:40 - vender moto e vindo
- 06:00 - 06:40 - Professora
- 07:40 - 08:13 - início trabalho moto
- 08:40 - 09:05 - MMTE docente
- 09:20 - 09:52 - saúde Venezuela
- 10:07 - 12:00 - Saída venezuela decisão trabalho e presente
- 12:32 - 13:40 - Mudança Boa Vista
- 13:50 - 14:23 - A viagem e tratamento ^{Boa Vista}
- 15:00 - 15:20 - Estado Venezuela - Boa Vista
- 15:40 - 16:00 - filha vai vir
- 16:00 - 16:30 - Falas com os parentes
- 16:40 - 17:11 - do que falam
- 17:15 - 17:30 - Estado saúde mãe
- 18:12 - 18:40 - Aproxas e saudades
- 18:50 - ~~19~~ 20:00 - Adaptação e o que mais gosta
-
- 00:10 - 00:30 - Falta do moto
- 01:00 - 02:00 - crise venezuela
- 02:00 - 03:50 - Protestos *
- 04:17 - 04:40 - Sanger (trabalho)
- 05:05 - 05:37 - Sanger moto
- 06:40 - 08:00 - diferenças de idade,

Entrevista Angela

- 00:58 - 02:00 - Nome, idade, de onde veio
- 02:00 - 02:54 - Trabalho na crise
- 02:55 - 03:28 - Doença
- 03:46 - 04:45 - Padre judeu
- 04:45 - 05:15 - Cegada em SF
- 05:15 - 06:00 - Trabalho em SF
- 06:00 - 06:41 - Casa de família
- 06:41 - 07:00 - Burger King
- 07:00 - 07:30 - Casa de família 2
- 07:40 - 08:00 - Felicidade estar em SF
- 08:00 - 08:53 - Clima e pessoas
- 09:15 - 10:45 - Infância e tempo
- 11:00 - 11:38 - Mãe e família
- 12:25 - 13:00 - Mudança de vida
- 13:00 - 14:00 - História de trabalho
- 14:40 - 15:12 - Independente
- 17:00 - 17:30 - Família aqui
- 17:30 - 18:00 - Comunicação mãe
- 18:00 - 18:26 - Converse com a mãe e
cechorra
- 19:00 - 19:38 - Amor venezuelo

00:55 - 01:27 - Abandona Tonnyuda
 01:27 - 01:48 - Mãe
 02:00 - 02:52 - Não sente falta, mãe
 03:00 - 04:06 - ^{sem} Falta trabalho
 04:16 - 04:37 - Sinto mal, penso em
 04:47 - 05:17 - Amigos ^{triste} aqui, ^{mãe} igreja
 05:20 - 05:45 - Relação fé
 05:50 - 06:50 - Diferença cidade
 07:00 - 07:42 - Futuro
 09:11 - 09:47 - agradecimentos

Auxiliar de expedição / Showloz

FICHA DE PARTICIPANTES DOCUMENTÁRIO

Nome: Manuel Antonio Rangel Artigas

Gênero: Homem

Idade: 34

Nacionalidade: venezuelano

Religião: católica - não praticante

Cidade ou província de origem: Valera / Trujillo

Nível de escolaridade:

Profissão:

Despachante

→ Tecnólogo em Publicidade e Propaganda
 → cinema e audiovisual * 2009-2014

Há quanto tempo no Brasil? Já viveu em outro lugares?

Há 1 ano e 7 meses. São Paulo.

Há quanto tempo em Juiz de Fora:

Vou, sei e volto.

Familiares aqui:

Não tem.

Familiares lá:

Mãe, irmã e sobrinha / Saíram de lá
 irmã (39 anos), Florida,

Por que o Brasil?

Porque sua avó vive no Brasil.

Por que Juiz de Fora?

Sei a São Paulo e volto, por conta de emprego/opportunidade.

Atividades desenvolvidas aqui e anotações importantes:

- Veio moço por conta de situação na Venezuela.

FOTO

- Vai defender o TCC via skype

- WhatsApp, vídeo; | Último 4 meses com uma vez por dia

- Trabalho de auxiliar de expedição dia

- faz matéria isolada. Ru ajuda muito

FICHA DE PARTICIPANTES DOCUMENTÁRIO

Nome: WENDY ORELLANA

Gênero: FEMININO

Idade: 23

Nacionalidade: VENEZUELANA

Religião: BARINAS

Cidade ou província de origem: BARINAS

Nível de escolaridade: SUPERIOR

Profissão: ADMINISTRAÇÃO (TRIBUTÁRIA)

ESTUDANTE (?)

COOPERAT. + PROF.

Há quanto tempo no Brasil? Já viveu em outro lugares?

DEZ MESES.

Há quanto tempo em Juiz de Fora:

DOS MESES E UNS DOZE DIAS

IMPACTOS INICIAIS

Familiares aqui: SIM, MEU FILHO JUAN MANUEL

Familiares lá: SIM.

Por que o Brasil? POR QUESTÕES DA VIDA (?)

(?)

Por que Juiz de Fora? PORQUÊ DERA A OPORTUNIDADE PARA MIM.

Atividades desenvolvidas aqui e anotações importantes:

GASTRONOMIA E CULINÁRIA

FOTO

~~com uma filha~~
Tenho um filho de 3 anos que se chama Juan.

- Família toda se demora
~~sem~~ menos tio e primo

FICHA DE PARTICIPANTES DOCUMENTÁRIO

Nome:

NEIRIK MÚNZ

Gênero:

FEMININO

Idade:

36

Nacionalidade:

VENEZUELANA

Religião:

LOS ANDES

Cidade ou província de origem:

MÉRIDA

Nível de escolaridade:

SUPERIOR

Profissão:

LICENCIADA EM LETRAS

Há quanto tempo no Brasil? Já viveu em outro lugares?

FAZ UM POUCO MAIS DUM ANO.

ANTES DE VIR PRA JUIZ DE FORA MOREI NO ESTADO DE RORAIMA.

Há quanto tempo em Juiz de Fora:

HÁ DOIS MESES

Familiares aqui:

NÃO.

Familiares lá:

SIM.

Por que o Brasil?

Por que Juiz de Fora? POR CAUSA DO DESTINO, MAS EU ESTOU AMANDO.

Atividades desenvolvidas aqui e anotações importantes:

FOTO

- Trabalho com irmã gêmea com culinária e gastronomia.

- Interação de curso gastronomia

- Mãe tem restaurante;

- Mãe na Venezuela, outro estado brasileiro.

FICHA DE PARTICIPANTES DOCUMENTÁRIO

Nome: Rosa Virgínia

Gênero: mulher

Idade: 29

Nacionalidade: Venezuela

Religião: agnóstica

Cidade ou província de origem: Mérida

Nível de escolaridade: Licenciada em Educação Física

Profissão: Professora de Tênis - Arena Tênis Clube

Universidade de Arica

Há quanto tempo no Brasil? Já viveu em outro lugares?

Há 2 anos e meio. Não

Há quanto tempo em Juiz de Fora:

2 anos e meio.

Familiares aqui:

Manuel, monarca.

Familiares lá:

Pai e mãe, avô e avó.

Por que o Brasil?

Para estudar sendo contenda com bolsa

Por que Juiz de Fora?

Era uma das melhores opções

Atividades desenvolvidas aqui e anotações importantes:

- Professora de tênis.

FOTO

-
- Esporte bem importante x Miguel
 - " como integração com venezuelo

FICHA DE PARTICIPANTES DOCUMENTÁRIO

Nome: ~~Angela Tob~~ Anyela Tovar
 Gênero: feminino
 Idade: 29 Anos
 Nacionalidade: venezuelana
 Religião: católica
 Cidade ou província de origem: Barinas
 Nível de escolaridade: Superior completo
 Profissão: Enfermeira

Há quanto tempo no Brasil? Já viveu em outro lugares? 1 mes ano

Há quanto tempo em Juiz de Fora: 1 mes

Familiares aqui: Sim, irmão, irmã

Familiares lá: mãe, sobrinho, irmão

Por que o Brasil? oportunidade

Por que Juiz de Fora? povo, Povo bom

Atividades desenvolvidas aqui e anotações importantes:
 Trabalho em casa de família

FOTO

FICHA DE PARTICIPANTES DOCUMENTÁRIO

Nome: Yocarlín Rangel
 Gênero: feminino
 Idade: 50.
 Nacionalidade: Venezuelana
 Religião: católica
 Cidade ou província de origem: Venezuela - Barinas
 Nível de escolaridade: Professora.
 Profissão: Professora

Há quanto tempo no Brasil? Já viveu em outro lugares?
 5 meses, Boa Vista - RR

Há quanto tempo em Juiz de Fora: - 3 meses.

Familiares aqui: No.

Familiares lá: Si

Por que o Brasil? gran oportunidad

Por que Juiz de Fora? Para cumplir mis sueños de superación

Atividades desenvolvidas aqui e anotações importantes:

Trabajo en Carniceria.

FOTO